

**LUTAS COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CARUARU:
Um estudo nas escolas participantes do PIBID/ASCES-UNITA¹**

**FIGHTS AS A CONTENT IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION IN
CARUARU: A study in the participating schools of PIBID / ASCES-UNITA**

**LUCHAS COMO CONTENIDO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN
CARUARU: Um estudio em las escuelas participantes del PIBID / ASCES-UNITA**

Luan Inácio da Silva: luan.edf.silva@gmail.com

Rua Getúlio Vargas, Nº 54, CEP: 55125-000, Duque de Caxias – Toritama – PE, Brasil.
ASCES UNITA - Centro Universitário Tabosa de Almeida, Av. Portugal, 584, Bairro
Universitário, Caruaru - PE, Brasil.

Luiz Gustavo dos Santos Nascimento: gustavobagage@hotmail.com

Rua Fernandes Costa, Nº 32, CEP: 55016-010, Salgado – Caruaru - PE, Brasil.
ASCES UNITA - Centro Universitário Tabosa de Almeida, Av. Portugal, 584, Bairro
Universitário, Caruaru - PE, Brasil

Matheus Henrique Maciel: matheushenrique_7@hotmail.com

Rua Josefa Alves de Couto, Nº 40, CEP: 55390-000, Centro – Ibirajuba – PE, Brasil.
ASCES UNITA - Centro Universitário Tabosa de Almeida, Av. Portugal, 584, Bairro
Universitário, Caruaru - PE, Brasil.

RESUMO:

Introdução: As lutas enquanto conteúdo da Educação Física deve ser abordado de forma que trabalhe todos seus componentes, tendo em vista valores filosóficos, culturais além de seus princípios que podem vim ajudar na formação do cidadão. **Objetivo:** Analisar como está sendo trabalhado o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física nas escolas participantes do PIBID/ASCES-UNITA em Caruaru-PE. **Metodologia:** Um estudo explicativo transversal, onde foram avaliados a partir de questionários, cinco professores de Educação Física das escolas municipais atendidas pelo PIBID/ASCES-UNITA. O trabalho foi realizado entre setembro de 2017 e novembro de 2018. **Resultados e Discussão:** Foi constatado dificuldades tanto de infraestrutura, quanto de aceitação das lutas nas determinadas escolas. **Considerações Finais:** conclui-se que as lutas são trabalhadas na escola de um modo reducionista, onde é tida em geral com preconceito e desvalorização, tanto em relação a escola e comunidade, como também pelos professores em questão. **Palavras-chave:** Lutas. Educação Física. Educação. PIBID.

ABSTRACT:

Introduction: Fights as a content of Physical Education should be approached in a way that works all its components, aiming at their philosophical, cultural values and principles that can help in the formation of the citizen. **Objective:** To analyze how the content is being worked

¹O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa do governo federal financiado pela Capes, que tem como objetivo incluir os alunos de licenciatura no âmbito escolar, dando a oportunidade de atuação aos discentes juntamente com os professores das escolas. Esse programa é firmado através de editais publicados pelo MEC/FNDE e as instituições de ensino superior (IES), nesse caso o Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA) localizado em Caruaru-PE.

on in Physical Education classes in the participating schools of PIBID/ASCES-UNITA in Caruaru-PE. **Methodology:** A cross-sectional study, where five physical education teachers from the municipal schools served by PIBID/ASCES-UNITA were evaluated from questionnaires. The work was carried out between September 2017 and November 2018. **Results and Discussion:** Difficulties were found both in infrastructure and in the acceptance of struggles in certain schools. **Final Considerations:** it is concluded that the struggles are worked in the school in a reductionist way, where it is generally held with prejudice and devaluation, both in relation to the school and community, as well as by the teachers in question.

Keywords: Fights. Physical Education. Education. PIBID.

RESUMEN:

Introducción: Las luchas como contenido de la Educación Física deben ser abordadas de forma que trabaje todos sus componentes, buscando sus valores filosóficos, culturales además de sus principios que pueden ayudar en la formación del ciudadano. **Objetivo:** Analizar el contenido luchas en las clases de Educación Física en las escuelas participantes del PIBID/ASCES-UNITA en Caruaru-PE. **Metodología:** Un estudio explicativo transversal, donde fueron evaluados a partir de cuestionarios, cinco profesores de Educación Física de las escuelas municipales atendidas por el PIBID/ASCES-UNITA. El trabajo se realizó entre septiembre de 2017 y noviembre de 2018. **Resultados y Discusión:** Se constató dificultades tanto de infraestructura, como de aceptación de las luchas en determinadas escuelas. **Consideraciones finales:** se concluye que las luchas son trabajadas en la escuela de un modo reduccionista, donde es tenida en general con prejuicio y desvalorización, tanto en relación a la escuela y comunidad, así como por los profesores en cuestión.

Palabras clave: Luchas. Educación Física. Educación. PIBID.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física entendida como movimento corporal surgiu desde os primatas, com várias manifestações, sendo as lutas uma delas. Segundo Rufino (2012, p.17) “[...] surgiu com a própria origem do homem. A princípio, luta pela comida, com animais, com outros homens, para defender a terra, ou seja, lutar para sobreviver”. Com o passar do tempo essa prática foi adaptando-se com a realidade social das pessoas, mudando conseqüentemente seu objetivo, e assim construindo um novo a cada momento da história. Precisamente na Antiguidade, “Assírios, Gregos, Romanos, Egípcios, entre outros povos, passaram séculos a lutar para aumentar suas extensões e domínios. Do Ocidente ao Oriente conquistar e expandir, além de um objetivo era uma necessidade” (ARCHANJO, 2004, p. 26).

Na atualidade, onde as lutas não são mais necessidades de sobrevivência para as pessoas, e sim de entretenimento ou vários outros objetivos de quem a praticam, o que muda também seu local de prática. Um dos locais que podem ser praticadas é a escola, onde ganhou espaço na cultura corporal, e assim “[...] sugerida hoje, pelos Parâmetros Curriculares (PC),

sejam eles, nacional, estadual ou municipal” (ARCHANJO, 2004, p. 39), na Educação Física. Um exemplo claro do que foi citado acima, são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), onde o mesmo traduz o conceito de lutas, em que se caracteriza como uma disputa entre dois oponentes, dotados de habilidades técnicas para ações de ataque e defesa (BRASIL, 1998).

Os atuais conceitos e objetivos de luta diferenciam-se muito de seus primórdios e é justamente essa diferença que permite que a mesma possa ser trabalhada nas aulas de Educação Física nas escolas. As lutas podem ser usadas como ferramenta para o desenvolvimento contextual do aluno, esses relacionados a socialização, conhecimento de técnicas, lazer e principalmente cultura, citada e reforçada nos Parâmetros Curriculares de Pernambuco (PCPE’s) (PERNAMBUCO, 2013). Neste sentido, as lutas estabelecem relações diretas, por meio cultural, com as raças em que o negro, o branco, o índio e o oriental são pressupostos de dessas origens, entre outras, a capoeira e o judô.

A presente pesquisa justifica-se por literaturas indicarem as lutas como uma das mais embrionárias manifestações, surgindo juntamente com a própria origem do homem, onde nos dias atuais deve ser trabalhada por trazer diversos benefícios ao aluno/cidadão (RUFINO, 2012). Nisso, busca-se analisar como está sendo trabalhado o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física nas escolas participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID/ASCES-UNITA, sendo pesquisados cinco professores (as) da rede municipal de Caruaru-PE, bolsistas da CAPES/MEC.

2 METODOLOGIA

Por meio de um estudo descritivo e transversal com amostras por conveniência, foram analisados 05 (cinco) professores de Educação Física de ambos os sexos de 05 (cinco) escolas da rede municipal de ensino de Caruaru - PE participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência - PIBID. O trabalho foi realizado no período de setembro de 2017 a novembro de 2018.

Como critério de inclusão fizeram parte do trabalho os professores que ministravam regularmente o conteúdo lutas nas aulas de educação física e ter participado do PIBID/ASCES-UNITA durante os anos letivos de 2106/17. Como exclusão, todos os profissionais que estiverem de Licença, aqueles com menos de 6 meses trabalhando nas escolas em questão e não familiarizados com o projeto político pedagógico da escola, além dos que não respondessem o protocolo corretamente.

A coleta de dados foi feita em forma de questionário, em um roteiro de perguntas pré-estabelecidas iguais para todos os pesquisados, e entregue aos mesmos, professores (as) de Educação Física das escolas citadas acima, que responderam fora da presença dos pesquisadores. Todos se encaixaram nos critérios de inclusão, sendo professores (as) concursados (as) de Educação Física, que participam como bolsistas de supervisão do programa PIBID/ASCES-UNITA, selecionados pelo edital ASCES 001/2014, decorrente da habilitação da IES no edital 061/2013 CAPES/MEC/FNDE, lotados nas escolas atendidas pelo programa e que tivessem com no mínimo seis meses de atuação na mesma.

Juntamente com o questionário foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que esclarece a natureza da pesquisa, todos os procedimentos que se referem em pesquisa à resolução nº466, 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012). Todos os procedimentos foram autorizados pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Tabosa de Almeida. O trabalho em questão não contou com ajuda financeira de nenhuma natureza para realização.

Para desenvolvimento e análise, os dados coletados foram divididos em categorias pré-estabelecidas, que facilitarão na lógica das respostas obtidas, e juntamente com o referencial teórico nortearão na apresentação e discussão dos resultados. São essas categorias: Seleção dos conteúdos: buscou analisar como o professor seleciona o conteúdo, com que frequência, referências, suas importâncias e deficiências; Organização: buscou-se entender de acordo com a visão do pesquisado, procedimentos, condições, estruturas e materiais, e como influenciam na organização das aulas; Sistematização: buscou-se compreender como o professor sistematiza o conteúdo lutas dentro de suas aulas e se o mesmo impõe o mesmo grau de importância referente a outros conteúdos; Avaliação: busca entender de acordo com a opinião do professor, como as lutas são vistas pela escola e comunidade, sua importância dentro da Educação Física e na formação do cidadão e se o mesmo se sente apto a ministrar o referente conteúdo em suas aulas.

No decorrer do texto, ao ser mencionado as respostas dos (as) professores (as) pesquisados (as) os mesmos serão enumerados de P1, P2, P3, P4 e P5, de forma aleatória e não identificando assim a sua instituição de trabalho, como forma de manter a ética e evitar assim possíveis constrangimentos.

Observação: em fevereiro de 2018, o edital de 061/2013 da CAPES, que instituiu o PIBID, foi descontinuado e foi lançado um novo edital, iniciando suas atividades em agosto do mesmo ano. O Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA) foi novamente contemplado, tendo a necessidade de uma nova seleção para supervisão. Então, perante tal

fato, modificamos um dos critérios de inclusão, onde se lia “lotados nas escolas atendidas pelo programa e que tivessem com no mínimo seis meses de atuação na mesma” leia-se ter participado do PIBID/ASCES-UNITA durante a vigência do edital 061/2013.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ambiente escolar, o professor enquanto formador de opiniões e saberes, faz-se importante para a formação dos alunos, tendo em vista o papel de intermediário na construção do conhecimento. Para guiá-los nessa caminhada existem vários documentos, dentre eles documentos oficiais publicados por governos, estados e municípios, e também por autores, que com seu tempo de experiência e estudo podem relatar situações e soluções que possivelmente seriam inacessíveis a habituais documentos curriculares. Com essa gama de documentos acessíveis, cabe ao professor encontrar o melhor caminho para seguir como base teórico-metodológica na seleção, organização e sistematização dos conteúdos para suas aulas.

3.1 Seleção dos conteúdos:

Diversas razões justificam a relevância das lutas como um conteúdo importante, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), Orientações Teórico-metodológicas (OTMs) (PERNAMBUCO, 2010) e os Parâmetros Curriculares Estaduais (PCEs) (PERNAMBUCO, 2013), elegem as lutas como um dos eixos temáticos, considerando-a como um significativo conteúdo a ser estudado na escola, por se tratar de uma atividade historicamente importante.

A luta pode ser entendida de várias maneiras, principalmente se levarmos em consideração o ambiente no qual o cidadão está inserido que influencia na maneira que ele entende, vivencia e acredita no seu significado. A esse respeito os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998), afirma que:

A luta pode ser entendida como um combate corpo a corpo entre duas pessoas. É uma disputa em que os oponentes devem ser subjugados mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa (BRASIL, 1998 p.70).

Este conceito atribuído a luta pelos parâmetros curriculares nacionais é um conceito onde fica evidente como a luta é vivenciada hoje, porém precisamos resgatar a luta em toda

sua essência a partir do seu significado original como afirma Archanjo (2004), que a princípio define a luta como uma disputa travada com outros indivíduos ou animais com o objetivo de sua própria, ou grupal, sobrevivência, usando para isso técnicas de ataque e defesa. E ao passar do tempo para conquistar territórios.

Na atualidade, as lutas ganham um novo significado, podendo ser trabalhado pedagogicamente nas escolas. Cabe ao professor (a) adquirir subsídios que embasem suas práxis, referências que “possivelmente” apontarão caminhos a serem seguidos.

Voltando a questão da seleção do conteúdo sobre diferentes pontos de vista, percebemos que os nossos entrevistados utilizam várias referências para trabalharem o conteúdo em suas aulas.

Citado por dois (duas) pesquisados (as), as Orientações Teóricas Metodológicas (OTM's) indagam que a luta na escola “[...] precisa ser abordada levando em consideração, em primeiro lugar, os aspectos de organização da identificação e da categorização dos movimentos de combate corpo-a-corpo” (PERNAMBUCO, 2010, p.26), citado com a mesma ideia nos PCN's (BRASIL, 1998) e BNCC (2018), documentos que apesar de não serem citados nas respostas dos (as) pesquisados (as), argumentam com a mesma ideia referentes a realização das aulas de lutas. Já os PCPE's (PERNAMBUCO, 2013) citados pelo P4, acreditam que nas lutas deve-se também levar em conta resgatar a cultura que o aluno está inserido, a cultura brasileira e as origens do branco, do negro, do índio e o contexto que a mesma surgiu. Apenas nessas duas referências, inclusive do mesmo cunho estadual, já é notado as lutas sobre diferentes perspectivas, o que possivelmente pode confundir o (a) professor (a) na hora de articular ideias, caso siga os dois documentos. Foram citadas pelos (as) pesquisados (as) outras referências seguidas como: dissertação do professor Flávio Archanjo; monografia do professor Rodolfo Pio; e Coletivo de Autores.

Embora as lutas sejam trabalhadas nas aulas, de qual seja o modo, foi notado nas respostas dos (as) pesquisados (as) dificuldades para trabalhar o conteúdo, segundo os mesmos, deficiências indicativas as referências abordadas, onde as mesmas apenas “[...] apontam os conteúdos a serem abordados, que não é ruim, porém, falta às vezes, a sensibilidade de “imaginar” se aquilo proposto é ou não significativo/motivante para os estudantes [...]” (P2), pois uma aula motivante (por exemplo) pode melhorar o processo de ensino aprendizado, caso o contrário o mesmo pode acarretar em um desenvolvimento deficiente do conteúdo (SILVA, 2013).

É interessante ressaltar que essa dificuldade é imposta tanto pelos (as) pesquisados (as) que optam por se embasarem por documentos estaduais, quanto por livros e documentos de autores. Essa situação nos remete a limitante explicação dos documentos da área ou que contém a área, pela conseqüente carência de estudos da mesma (CORREIA; FRANCHINI, 2010).

Mas qual o motivo para esse restrito estudo das aulas de lutas na escola? Podem ser observadas algumas hipóteses, dentre elas: as lutas passarem por grandes transformações de pensamentos na atualidade em relação a tempos passados, exposto por Archanjo (2004); as diferentes concepções das lutas nos documentos objetivados para o trato da mesma na escola, que pode fazer com que professores (as) sintam insegurança quanto a massificar os documentos da área; o preconceito e desvalorização sofrida. Gonçalves e Silva (2013), falam que os professores diversas vezes trabalham as lutas sobre diferentes perspectivas prontas, sem explorar outras formas de incluí-las. As conseqüências disso são não haverem documentos e abordagens metodológicas que dê a real possibilidade para o trabalho e explicação dos conteúdos da linguagem corporal dentro da escola (PIO; MELO, 2011).

Conclui-se que as lutas são pouco sistematizadas nas referências citadas pelos (as) pesquisados (as), não tendo um detalhamento apropriado a realidade que concretize a ação do profissional enquanto trabalho correto do conteúdo, expondo a fragilidade. Notou-se também que mesmo todos relatando trabalhar as lutas de forma teórica e prática, ela não é tratada com devida importância, tanto pelas referências e livros de Educação Física, quanto pelos (as) professores (as) em questão.

3.2 Organização:

A organização dos conteúdos dentro de uma ideia lógica de construção do conhecimento depende de algumas variáveis, dentre elas se a escola possui condições adequadas para seu desenvolvimento e prática. Estrutura, materiais, espaço e entre outras variantes podem desempenhar um papel importante no planejamento e regência das aulas. Segundo Wilhelms e Sampaio (2009, p. 6) “Quando se trata de uma disciplina que estuda a cultura corporal de movimento, um espaço físico adequado torna-se imprescindível para o seu sucesso dentro do ambiente escolar”.

Notou-se nas respostas dos (as) pesquisados (as) essa mesma linha de pensamento, onde os mesmos acreditam que “[...] a estrutura física e materiais estão diretamente ligadas a

forma de si trabalhar o conteúdo” (P3), por exemplo, “Se uma escola possui tatames, uma vasta quantidade de jogos de combate pode-se ser imaginado, pelo menos, se não possui, essa vasta a quantidade de jogos diminui drasticamente” (P2).

No que se refere as escolas, será que as mesmas oferecem reais condições para o trabalho das lutas nas aulas de Educação Física? De acordo com a maioria (três) dos (as) pesquisados (as) a resposta dessa pergunta é “não”. Pois os mesmos relataram que as escolas não fornecem reais condições, pela falta de materiais, estrutura física e entre outras. Alencar (2015) e Chicati (2000) também falam dessa falta de condições, onde o segundo acredita a mesma ser ainda mais comum nas escolas públicas. O que provavelmente implica no desenvolvimento das aulas, de acordo com Wilhelms e Sampaio (2009), como já citado acima, e mais reforçado por Santos, Nascimento e Menezes (2012) e Belo *et al.* (2016), os quais argumentaram que a carência de equipamentos, e a falta de instrumentos e recurso apropriados de trabalho em escolas, afetam as condições de ensino e a aprendizagem.

Diante das respostas dos (as) pesquisados (as) evidenciou-se a falta de condições necessárias para a regência das lutas nas aulas. Porém, essa deficiência estrutural nas instituições de ensino dificulta, mas não justifica o (a) professor (a) não trabalhar o conteúdo em suas aulas, pois conforme Sebastião e Freire (2009) as aulas em ambientes abertos podem conter imprevistos, e cabe ao professor ter um planejamento bem organizado com possíveis soluções para que os mesmos não venham a atrapalhar o proceder do conteúdo. Portanto, entende-se que a transmissão do conteúdo por parte do professor deve acontecer da melhor forma possível, afim de superar os empecilhos entre a transmissão do conteúdo e os obstáculos encontrados, para que os mesmos não sejam barreiras na construção do conhecimento.

3.3 Sistematização:

Sistematizar os conteúdos seria o ato de organizá-los de forma lógica em seus diversos níveis de ensino. Seguindo essa linha de raciocínio, os (as) pesquisados (as) quando questionados sobre a forma que utilizam para selecionar e sistematizar o conteúdo das lutas que são ministradas em suas aulas responderam em diferentes aspectos, dentre esses, trabalhar as lutas de forma generalizada, e cultural, trazendo as turmas para o planejamento e decisão (P1); trabalhar o conteúdo através de jogos de combate, por serem mais proveitosos e possíveis para professores com pouca experiência (P2); trabalhar o conteúdo das lutas mais

fácil e com uma didática simples, para que com sua pouca experiência tente passar o conhecimento e despertar o interesse dos alunos (P3; P4; P5), já que alguns, segundo o professor (a) dois (P2) “[...] não se interessam em reproduzir movimentos, só se forem obrigados”. Sendo tratada de uma forma reducionista no ambiente escolar, apontado por Archanjo (2004) e Leite, Borges e Dias (2012), nesse caso por parte dos alunos.

Nas respostas dos (as) pesquisados (as) acima notamos o modo que os mesmos encontram para sistematizar o conteúdo de várias perspectivas. A primeira sendo em um ponto de vista cultural, resgatando a luta, com a mesma linha de raciocínio citada nos PCPE’s (PERNAMBUCO, 2013). Vale ressaltar nessa resposta dois pontos: por um lado, que a democracia proposta pelo (a) professor (a) a partir do momento que ouve as opiniões dos (as) alunos (as) quanto ao planejamento de suas aulas. Por outro lado, isso mostra também a não massificação do (a) professor (a) em relação ao conteúdo a ser trabalhado, no momento que trabalha as lutas de uma forma generalizada.

Com relação a segunda e terceira, nota-se primeiramente uma falta de experiência dos (as) professores (a) em relação as lutas, recorrendo então a estratégias que lhe dê uma base para trabalhar a mesma. Mas qual será o motivo responsável por a maioria dos (as) pesquisados (as) não terem experiência com as lutas? Essa deficiência dos professores em relação ao conteúdo é explicada pelo (a) professor (a) cinco (P5), onde o (a) mesmo (a) identifica que “[...] a luta ainda seja “marginalizada” pela sociedade e por esse motivo é pouco trabalhada nas graduações [...]”. É gerado esse reducionismo por parte dos discentes em formação, e que futuramente hipoteticamente levarão essa deficiência enquanto profissionais atuantes na escola.

Rufino e Darido (2013, p. 17) também se fundamentam na mesma ideia, onde apontam em relação a alguns conteúdos da Educação Física, dentre eles as lutas, uma “[...] formação profissional deficiente [...]”, que é muito vista hoje nas escolas e comprovadas nos relatos em questão.

Essa falta de domínio relatado, e conseqüentemente o trabalho do conteúdo de um modo simplista, pode acarretar problemas na formação e desenvolvimento dos alunos em relação ao conteúdo. “[...] Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar” (LOPES, 2009, p. 2), podendo desmotivar os alunos em questão.

Levando em consideração o compromisso com o conteúdo, a ação-reflexão e o despertar da crítica relacionada a cultura do corpo, além da igualdade na disseminação dos conteúdos, os pesquisados foram questionados sobre a quantidade de aulas referentes as lutas,

se eram tidas na mesma quantidade de outros conteúdos da linguagem corporal como, a ginástica; esportes; jogos; e danças. Todos responderam na mesma ideia, que o conteúdo lutas não tem a mesma quantidade de aulas referentes a outros conteúdos, ela é sistematizada com um percentual menor, também relatado na pesquisa de Belo *et al.* (2016). Foi confirmado reducionismo por parte dos (as) professores (as), que pode muitas vezes ser explicada pela falta de experiência, levando um certo desinteresse, e assim priorizando outros conteúdos.

Ao longo das respostas dos (as) pesquisados (as) e da reflexão obtida por autores, nota-se a sistematização do conteúdo em várias perspectivas, mas todas confirmando dificuldades encontradas pelos (as) professores (as) em questão, e a falta de interesse de alguns alunos em relação a mesma, aspectos explicados pela marginalização e reducionismo das lutas na sociedade, na formação profissional e na escola. Esse problema na escola começa a ser visto a partir do momento que as lutas têm um percentual menor de aulas referentes a outros conteúdos da linguagem corporal, restringindo assim seu possível potencial.

Conclui-se que as lutas são trabalhadas de uma forma simplista, motivadas pela falta de competência e experiência dos (as) pesquisados (as) em operacionalizar o conteúdo, mostrando uma desvalorização clara exposta por todos os (as) professores (as) em questão.

3.4 Avaliação:

Nesse tópico buscou-se avaliações de como as lutas são vistas perante a comunidade e escola, buscando também a opinião dos (as) pesquisados (as) sobre a importância da mesma e o que ela pode trazer para o aluno/cidadão, e por fim se os mesmos se sentem aptos a regerem o conteúdo.

Em relação a como a comunidade e escola recebem as lutas, as respostas dos (as) professores (as) remeteram a duas situações. Primeira, que a escola e comunidade não recebem bem o conteúdo, com receios, desconfiança e por parte dos (as) alunos (as) um certo machismo, além de alguns preferirem outros conteúdos da Educação Física (P1; P2; P3). Esses aspectos já vinham sendo vistos nos tópicos acima, onde as lutas recebem esse reducionismo imposto. Archanjo (2004) fala que essa forma de se trabalhar as lutas já se torna rotineiro, a partir do momento em que as pessoas que deveriam incentivar (professores que trabalham o conteúdo) são as primeiras que cometem esse preconceito com o conteúdo.

Rufino e Darido (2013, p.17), vêm tal problema sobre uma perspectiva educacional, remetendo que a desvalorização:

[...] vai desde a formação profissional deficiente em relação a esses conteúdos, até o preconceito que ainda existe em relação a determinadas modalidades, passando pela falta de infra-estrutura das escolas, o apoio da direção e até as expectativas dos alunos e da comunidade em geral [...].

É importante ressaltarmos um aspecto citado nas respostas de alguns (algumas) pesquisados (as), o “machismo”. Como, após o grande desenvolvimento das lutas através dos séculos, ainda temos dentro da escola o mesmo sendo considerado muitas vezes um conteúdo para exclusiva prática de “homens”? O que leva a isso? Gonçalves Junior e Ramos (2005) falam que a questão de gênero e sexo é algo historicamente construído, onde são impostos papéis para cada sexo na sociedade, limitando-os ao que pode e não pode, de acordo com a sociedade. Vianna (2003) também fala do assunto nessa mesma ideia, mas remete que por essa visão de gênero ser algo construído, também ser mudado. Sendo assim esse “machismo” encontrado provavelmente não foi desconstruído até o momento por deficiências de práticas educativas voltadas a quebra de paradigmas dentro e fora da escola.

Nesse caso cabe inclusive ao professor, diante do exposto, trazer estratégias para que essa visão seja desfeita, já que as aulas dos conteúdos da linguagem corporal, inclusive as lutas, são ambos os sexos e gêneros.

A segunda perspectiva vai de contra a primeira, onde segundo dois (duas) pesquisados (as) as lutas são bem vistas pela escola e comunidade (P4; P5). “Pelo olhar dos alunos acredito que eles recebem bem, pois apesar de ser básico, eles participam muito das aulas” (P4). Oposto do exposto por alguns (algumas) professores (as) em questão anteriormente.

Mas porque essa diferença de aceitações de um local para o outro? Para tentar entender essa ideia, primeiramente, Candau e Moreira (2003, p.160) falam que, a escola é um meio cultural, onde suas ideias e concepções são definidas de acordo com todos em volta, como “[...] universos entrelaçados [...]”, que se articulam e desenvolve os envolvidos cotidianamente. Levando em consideração mais essa ideia, acredita-se essa divergência de resultados sobre dois pontos: por concepções culturais da comunidade escolar construída; por incentivos ou não de professores (as) ou outras pessoas do meio escolar, já que são formadores de opiniões dentro no âmbito escolar.

Os (as) pesquisados (as) também foram questionados (as) quanto a importância do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física escolar e como o mesmo pode influenciar na formação do aluno como cidadão. Lançanova (2007, p. 4) acredita que:

As lutas, como um ramo da Educação Física Escolar, reúnem um conjunto de conteúdos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor, nas mãos do educador, por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem (LANÇANOVA, 2007, p.4).

Em relação (as) professores (as) questão, todos opinaram positivamente sobre importâncias e influências ao aluno. As mesmas citadas como: “[...] o conteúdo luta na escola pode ajudar os alunos a desenvolverem uma visão crítica [...]” (P2), “Além de ser uma oportunidade de podermos trabalhar a não violência por meio da luta [...]” (P5), “[...] contribuição para o indivíduo no exercício de sua cidadania, pois lhe fornece referências que aponta possibilidades para tomar decisões mais criteriosas” (P1), e a relevância social e cultural que a mesma traz (P3; P4). Todas respostas dos (as) pesquisados (as) seguiram a mesma ótica de importância de Pinto (2014) onde o mesmo indaga que o conteúdo lutas educa porque ensina valores aos alunos, como saber ganhar e perder, ensinando a competir saudavelmente, trabalhando assim a não violência.

Embora sejam plausíveis a consciência de benefícios oferecidos pelas lutas exposta pelos (as) professores (as), notou-se contradições, pois é visto ao longo dos tópicos, o reducionismo e preconceito dos mesmos em relação as lutas. Então comprova-se uma visão clara de importâncias (descritas pelos mesmos), mas não as colocando-as em prática como potencialmente deveria ser.

Por último, os (as) pesquisados (as) foram questionados (as) se se sentem aptos (as) a ministrarem as aulas de lutas em suas aulas, e as possíveis deficiências referentes. A maioria dos (as) professores (as) responderam positivamente (P1; P2; P3), apesar de apontarem deficiências como: falta de momentos para planejamentos e principalmente a falta tanto de experiência, quanto de qualificação. Silva e Oliveira (2014) salientam a importância não só de uma atualização constate, como também um certo aprofundamento em relação ao conteúdo da área que em que se atua. Sendo de total importância que o professor continue estudando, com o intuito de crescer em conhecimento, transpassando para suas aulas (RODRIGUES, LIMA E VIANA, 2017).

Conclui-se que as lutas na maioria dos casos são vistas com um certo descaso pela comunidade escolar, descaso esse que também é exposto pelos (as) professores (as) em questão, que se contradizem ao mostrarem entendimentos das importâncias das lutas para o

desenvolvimento e formação do aluno/cidadão, mas não colocando em prática, na maioria das vezes por falta de experiência e prioridade para planejar as aulas do conteúdo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as lutas são trabalhadas de forma reducionista e simplista, não sendo dada devida importância, tanto por parte dos (as) professores (as) pesquisados (as), com falta de prioridades para planejamento específico e concreto para as aulas de lutas, provavelmente motivadas pela deficiência de experiência relativa a mesma, principalmente nas aulas práticas; pelos documentos da área de Educação Física voltadas as lutas, por falta de uma melhor sistematização e organização levando em conta o público alvo; pela comunidade, com um descaso e falta de um local adequado para o seu desenvolvimento; e também por parte dos alunos, que em alguns casos não têm interesses pela prática de atividades físicas, inclusive e principalmente as lutas, pelo grande preconceito construído historicamente pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Yllah Oliveira. et al. As lutas no ambiente escolar: uma proposta de prática pedagógica. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2015. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5092/3996>>. Acesso em: 21. Out. 2018.
- ARCHANJO, Flávio Miguel. **Aspectos históricos e epistemológicos das lutas corporais**. Recife: ESEF-UPE, 2004.
- BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa. **Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.
- BELO, Charles da Silva. et al. **Aplicação do conteúdo Lutas na escola: estudo nas escolas de referência em ensino médio de Caruaru-PE**. Caruaru: 2016. Disponível em: <<http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/461/1/APLICA%C3%87%C3%83O%20DO%20CONTE%C3%9ADO%20LUTAS%20NA%20ESCOLA.pdf>>. Acesso em: 21. Out. 2018.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012**. Ministério da Saúde: Conselho Nacional de Saúde. Brasília, dez. 2012. Disponível em: <http://googleweblight.com/?lite_url=http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html&ei=TJ_Ejc-C&lc=pt-BR&s=1&m=946&host=www.google.com.br&ts=1495556564&sig=ALNZjWkRquJRWiJ9YQXF7mU8jRB- LuAkHg>. Acesso em: 22 mai. 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Educação Escolar e Cultura (s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Brasil, v -, n.23, p. 156-168, 2003.

CERVO, Arnaldo Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n.01, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3799>>. Acesso em: 21. Out. 2018.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 01-09, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Arisson Vinícius landgraf; SILVA, Méri Rosane Santos Da. Artes marciais e lutas: Uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 657-671, jul./set. 2013.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco Nunes Souto. **A Educação Física Escolar e a questão de gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUEFSCar, 2005. v. 1, 30 p.

LANÇANOVA, Jader Emilio da Silveira. **Lutas na educação física escolar: alternativas pedagógicas**. 2007. Disponível em: <https://1e7ad6f0-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/lutasescolar/lutas_na_educ_fis_escolar.pdf?attachauth=ANoY7crPvK_EBsr8K2y3RxbTUCDdfDz6I9WR6LzlxUtGcM117G8snaELrHtOLZcwBYvLBEHE5XkWI94Vh_K5Lil9UGZ11OrifatBaaxTyQDiHFqCEIS7pEvCiTYxS5Nkh1Wo1a2wXpaqYhydIGGYmTuFKa0iOGLH1AcvPZyybhQ3eNJ59RFSmAff1f0Y5tV7JupodAZyMltgx1OE1ybZkPnc-S9rPwzhpwvh64e7aghcyZ0bh6kkbns%3D&attredirects=0>. Acesso em 14. jul. 2018.

LEITE, Francinaldo Freitas; BORGES, Ricardo Silva; DIAS, Thaís Lorrán V.. A utilização das lutas enquanto conteúdo da Educação Física escolar nas escolas estaduais de Araguaína-TO. **Revista científica do ITPAC**, Araguaína, v. 5, n.3, 2012. Disponível em: <<https://assets.itpac.br/arquivos/Revista/53/3.pdf>>. Acesso em: 22. out. 2018.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A Relação Professor e Aluno e o Processo de Ensino Aprendizagem**. 2009. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

PERNAMBUCO. **Orientações Teórico- Metodológicas**. Secretaria de Educação do Estado. Pernambuco: Governo de Pernambuco, 2010.

PERNAMBUCO. **Parâmetros Para a Educação Básica do Estado de Pernambuco**. Secretaria de Educação do Estado. Pernambuco: UNDIME, 2013.

PIO, Rodolfo; MELO, José Pereira. A Luta enquanto conteúdo da Educação Física escolar: Limites, possibilidades e desafios para a prática pedagógica. In: Congresso Nacional e Internacional de Educação Física Saúde e Cultura Corporal da Universidade de Pernambuco - UFPE, 2011, Recife. **Educação Física e a Globalização do fenômeno esportivo**, 2011.

PINTO, Vinicius Emanuel. **O conteúdo lutas nas aulas de Educação Física: contribuições e possibilidades**. VI CONCOCE e X CONEF, Brasil, out. 2014. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/6concoce/10conef/paper/view/6079>>. Acesso em: 23 out. 2018.

RODRIGUES, Polyana Marques Lima; LIMA, Willams dos Santos Rodrigues; VIANA, Maria Aparecida Pereira. **A importância da formação continuada de professores da educação básica: a arte de ensinar e o fazer cotidiano**. 2017. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/pdf/2017/09/3-A-IMPORT%C3%82NCIA-DA-FORMA%C3%87%C3%83O-CONTINUADA-DE-PROFESSORES-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-B%C3%81SICA-A-ARTE-DE-ENSINAR-E-O-FAZER-COTIDIANO-ID.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A Pedagogia das Lutas: caminhos e possibilidades**. Jundiá: Paco, 2012.

RUFINO, Luís Gustavo Bonato; DARIDO, Suraya Cristina. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**, v. 11, p. 144-170, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/863763>>. Acesso em 20 jul. 2018.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/6766/5982>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

SANTOS, Maria Rubenize dos; NASCIMENTO, Maria Aparecida; MENEZES, Jaileila de Araújo. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Rev. latinoam.cienc.soc.niñezjuv**, v. 10, n. 1, p. 289-300, 2012.

SILVA, Ana Maria; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **A relevância da formação continuada do (a) professor (a) de educação infantil para uma prática reflexiva**. In: III Jornada de Didática - Jornada de Didática: Desafios para a Docência e II Seminário de

Pesquisa do CEMAD, 2014, Londrina. Anais da III Jornada de Didática - Jornada de Didática: Desafios para a Docência e II Seminário de Pesquisa do CEMAD. Londrina, 2014.

SILVA, Geruza Barbosa. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar**. Monografia Especialização em fundamentos da educação - Universidade estadual da Paraíba, Pró-reitoria de ensino médio, técnico e educação a distância, 2013. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9644/1/PDF%20-%20Geruza%20Barbosa%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 22. Out. 2018.

VIANNA, Cláudia. Educação e gênero: Parceria necessária para a qualidade do ensino. In: São Paulo (Cidade). Secretaria do Governo Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. **Gênero e educação: Caderno para professores**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003. Não paginado.

WILHELMS, Egon; SAMPAIO, Adelar Aparecido. **Implicações na prática pedagógica da Educação Física pela ausência da quadra de esportes coberta**. 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_artigo_egon_wilhelms.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.